



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

**CONTATO LINGUÍSTICO NO SENEGAL: O FRANCÊS,  
O WOLOF E AS DEMAIS LÍNGUAS NACIONAIS**

Letícia Emília de Oliveira Portela

Rio de Janeiro

2022

LETÍCIA EMÍLIA DE OLIVEIRA PORTELA

CONTATO LINGUÍSTICO NO SENEGAL: O FRANCÊS, O  
WOLOF E AS DEMAIS LÍNGUAS NACIONAIS

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em  
Letras: Português / Francês.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Balga Rodrigues

Rio de Janeiro

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

P843c Portela, Leticia Emilia de Oliveira  
CONTATO LINGUÍSTICO NO SENEGAL: O FRANCÊS, O  
WOLOF E AS DEMAIS LÍNGUAS NACIONAIS / Leticia Emília  
de Oliveira Portela. -- Rio de Janeiro, 2022.  
30 f.

Orientador: Luiz Carlos Balga Rodrigues.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Francês, 2022.

1. Contato Linguístico. 2. Diglossia. 3. Senegal.  
4. Mercado Linguístico. 5. Línguas nacionais. I.  
Rodrigues, Luiz Carlos Balga, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cynthia, pelos valores, pelo incentivo, pelos sacrifícios, pela amizade, pela confiança e, sobretudo, pelo amor incondicional. Se há melhor mãe, é você. A pessoa número um da minha vida. E ao meu “paidrasto”, Denis, por todo apoio, pela compreensão, pela calma, pelo suporte e por ter me abraçado como família desde sempre. Você é a pessoa mais generosa que eu já conheci.

Ao meu pai, Marcos Portela, pelo incentivo, pelo suporte e pelo amor. Nossos passeios por tantos museus e teatros nunca saíram da minha memória.

Aos meus avós, Regina e Marco Aurélio, pelo carinho e colo de sempre. Vocês são os avós mais legais e companheiros que eu poderia ter. Com vocês, me sinto em casa.

As minhas irmãs, Larissa, Hanna e Vitória, pela garantia de que sempre vou ter as três melhores amigas do mundo, até o fim de nossas vidas. Vocês são parte de mim. E ao meu irmãozinho, Arthur, pela alegria que você trouxe desde o momento que nasceu. Ali, eu recebi o meu melhor presente.

Ao meu orientador, Luiz Carlos Balga, pela oportunidade e por ter me recebido em seu incrível e promissor projeto de pesquisa, pelos ensinamentos nesses últimos dois anos, pelo impecável trabalho como professor e pesquisador, estudando e ensinando sobre a Francofonia. E, sobretudo, pela compreensão e paciência durante o tempo em que estive como orientanda. A rotina na pandemia não foi fácil, mas finalmente, tudo deu certo.

À minha tia, Heloísa, por todas as aulas de português que me deu durante o meu ensino médio. Nunca vou esquecer de tudo que aprendi com você. Você é uma professora brilhante.

As minhas amigas do Colégio Franco Brasileiro. À Clarisse Assis, amiga e irmã do coração, que está comigo desde o primeiro dia e permanece. À Alice Florencio, que também me abraçou desde o início. À Ana Carolina França, Giovanna Pinto e Nathália Celis. As primeiras amigas que fiz no Rio de Janeiro.

Aos amigos que a Faculdade de Letras me trouxe. À Bárbara Santos, que se tornou uma grande amiga de toda a vida. Minha jornada na faculdade não teria sido a mesma sem você. À Letícia de Sá, que apesar de longe fisicamente, sempre esteve próxima de outras formas. Sinto sua falta todos os dias. À Érica Viana, presente maravilhoso que a Bárbara trouxe pra minha vida. À Luana Barros, Amanda do Valle, Eduardo Suzarte, Juan Roca, Laura Calzolari, Nathália Alcáçova, Amanda Cardim, Bia Joras, Júlia Cataldo e tantos outros, pela companhia nos intervalos das aulas, pelas infinitas conversas no trailer e pelo apoio emocional durante todos esses anos de graduação. Vocês todos mudaram a minha vida.

Aos professores da graduação, Luiz Carlos Balga, Pedro Paulo Catharina, Ana Pessoto, Maria Muanis, Adriana Leitão e tantos outros, pelo comprometimento e dedicação com o ensino. Com certeza, tenho aqui inspirações de quem eu gostaria de ser como profissional.

As professoras regentes do estágio. À Liz Garcia, do C.E Amaro Cavalcanti, por ter me recebido e permitido ter o primeiro contato com uma sala de aula enquanto professora em formação. À Flávia Gomes e Catarina Lobo, por todo apoio e troca durante um momento tão conturbado que foi o estágio remoto em 2020.

A todos os funcionários da Faculdade de Letras e da UFRJ, que trabalham duro todos os dias para manter a Universidade funcionando.

Aos que lutam em defesa das políticas públicas e do ensino público de qualidade no Brasil.

Ao CNPq-PIBIC, pelo apoio financeiro durante o tempo que me dediquei a este trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho – inserido no projeto "A Francofonia na África: políticas linguísticas e ações educacionais II" – pretende observar como o francês convive com as línguas nacionais do Senegal no cotidiano da população. No país, o francês cumpre a função de única língua oficial e as línguas locais se restringem ao campo das conversas informais. Embora algumas delas sejam reconhecidas constitucionalmente como línguas nacionais, este *status* não lhes confere nenhuma função oficial no dia a dia dos senegaleses.

**Palavras-chave:** *Senegal, diglossia, francês, contato de línguas.*

## RÉSUMÉ

Dans le cadre du projet "A Francofonia na África: políticas linguísticas e ações educacionais II", ce travail vise à observer comment le français coexiste avec les langues nationales du Sénégal dans la vie quotidienne de la population. Dans le pays, le français est la seule langue officielle et les langues locales sont limitées au domaine des conversations informelles. Bien que certaines d'entre elles soient reconnues constitutionnellement en tant que langues nationales, ce statut ne leur assure aucune fonction officielle dans la vie quotidienne des Sénégalais.

**Mots-clés:** *Sénégal, diglossie, français, contact des langues.*

## ABSTRACT

The present work - part of the project " A Francofonia na África: políticas linguísticas e ações educacionais II" - intends to observe how French coexists with the national languages of Senegal in the daily life of the population. In Senegal, French is the only official language, and local languages are restricted to the field of informal conversations. Although some of them are constitutionally recognized as national languages, this status does not give them any official function in the population's daily life.

**Keywords:** *Senegal, diglossia, french, language contact.*



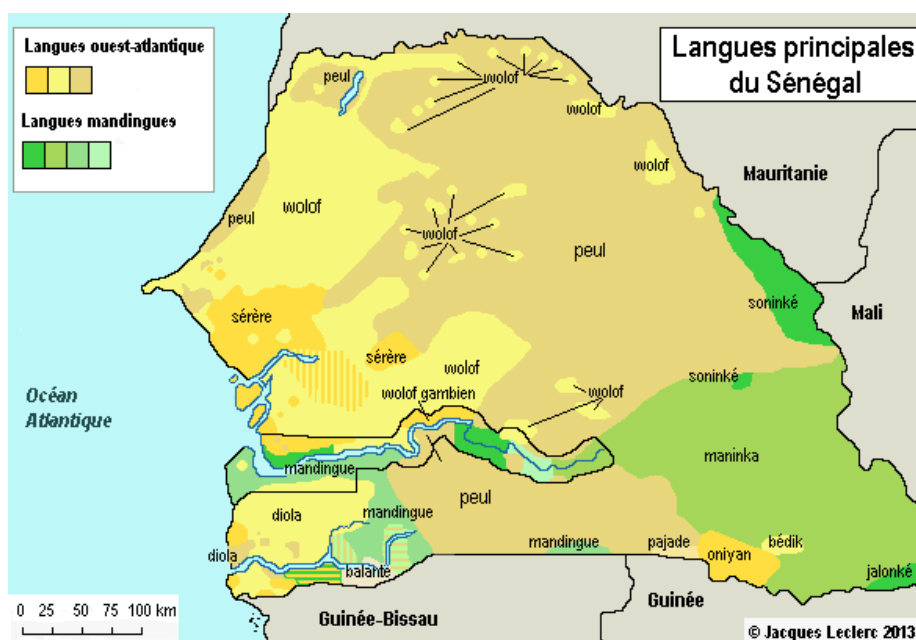
## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO. ....	10
2. A DIGLOSSIA.....	12
3. MERCADO LINGUÍSTICO. ....	16
4. A ATITUDE LINGUÍSTICA .....	18
5. A POLÍTICA LINGUÍSTICA NO SENEGAL .....	19
6. A VISÃO DOS SENEGALESES FRENTE À SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DO PAÍS .....	23
7. A SITUAÇÃO ATUAL DO FRANCÊS E DAS LÍNGUAS NACIONAIS NO SENEGAL .....	26
8. CONCLUSÃO. ....	28
9. REFERÊNCIAS.....	29

## INTRODUÇÃO

O Senegal é um país localizado na costa ocidental do continente africano, com população estimada em cerca de 16 milhões de habitantes e composta por alguns grupos étnicos. Os maiores deles são os Wolof (43%), que dominam as zonas urbanas ao norte de Gâmbia, sobretudo em Dakar, Saint-Louis e Thiès, seguido dos Pular (24%), dominantes na região de Kolda, os Serer (15%), dominantes na zona costeira até a fronteira com a Gâmbia, e o Joola (5,5%), dominantes na região de Ziguinchor.

O país foi colônia francesa de 1854 a 1960, ano de sua independência. Nessa ocasião, a língua francesa foi adotada como única língua oficial do país, sendo assim até hoje. Apesar desse *status* atribuído à língua herdada dos colonizadores, existem mais de 36 línguas nacionais faladas no país. Dessas 36 línguas, em um primeiro momento, seis delas (Diola, Malinké, Pular, Serer, Soninké, Wolof) foram transcritas e registradas na constituição, por Decreto do Ano de 1971, como línguas nacionais do Senegal. Esse reconhecimento não faz delas línguas oficiais, portanto, não são usadas em esferas públicas como administração, justiça e educação. E é nesse aspecto que se identifica a problemática linguística do país.



Mapa 1 – Principais línguas do Senegal<sup>1</sup>

Nosso objetivo com esse trabalho é analisar, através do conceito de Diglossia

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/images/senegal-langues-map.gif>

(Ferguson, 1959 [1972]), as relações de contato entre o francês (única língua oficial, língua do poder, da administração, da justiça, embora falada por uma minoria) e o wolof (língua materna de mais da metade da população e língua franca em todo o país) com outras línguas locais no cotidiano da população, além de entender o papel que lhes é assegurado (ou não) nas políticas linguísticas e educacionais do país.

## A DIGLOSSIA

O termo diglossia, cuja etimologia remonta à língua grega, com o prefixo *-di* significando "duas" e *glossia*, língua, pode parecer, num primeiro momento, um mero sinônimo de bilinguismo. A distinção entre ambos os conceitos deu-se a partir de um artigo de Charles Ferguson, publicado em 1959, e intitulado *Diglossia*.

Ferguson utilizou o termo diglossia para designar a relação entre duas variedades coexistentes da mesma língua no mesmo espaço territorial. A variedade com o *status* social mais elevado é chamada alta (A) - considerada de maior prestígio -, e a variedade com o *status* social mais baixo é chamada baixa (B) - considerada de menor prestígio. Mais tarde, Aracil (*apud* LINHARES e ALENCAR, 2016, p. 505) e Ninyoles (*apud* LINHARES e ALENCAR, 2016, p. 505), em estudos sobre a relação diglósica entre a língua espanhola e a língua catalã, utilizam termos diferentes: "língua dominante" (geralmente designando a língua alta) e "língua dominada" (geralmente designando a língua baixa).

A variedade A está associada ao prestígio e à formalidade, sendo ela a língua da esfera pública, da vida oficial, dos discursos políticos, da educação escolar formal, da mídia, etc. A variedade B, por sua vez, está associada à vida privada e à informalidade, sendo a língua adotada entre familiares e amigos, por exemplo.

Ferguson define o termo da seguinte forma:

Diglossia é uma situação linguística relativamente estável em que, além dos dialetos primários da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade sobreposta, muito divergente, altamente codificada (amiúde gramaticalmente mais complexa), veículo de uma grande e respeitada parcela da literatura escrita, quer de um período anterior quer de outra comunidade de fala, e que é aprendida essencialmente pela educação formal e usada para a maioria dos propósitos escritos e formais, mas não é usada por nenhum segmento da comunidade para a conversação ordinária (FERGUSON, 1972 [1959], p. 244-245).<sup>2</sup>

Em 1967, Joshua Fishman observa desdobramentos acerca do fenômeno da diglossia e acrescenta outras concepções ao termo até então utilizado apenas por

---

<sup>2</sup> Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any section of the community for ordinary conversation.

Ferguson na literatura linguística. Em seus estudos, Fishman nota que o fenômeno diglótico pode ocorrer para além da relação de parentesco entre duas variantes linguísticas, podendo, assim, também existir entre línguas que não estejam necessariamente relacionadas. Nas palavras do autor,

a diglossia existe não só em sociedades multilíngues que reconhecem oficialmente várias ‘línguas’ [e não só em sociedades que utilizam uma variedade vernácula e outra clássica] mas também em sociedades que são multilíngues no sentido em que empregam dialetos distintos, registros ou variedades linguísticas de qualquer espécie diferenciadas funcionalmente (FISHMAN, 1967, p. 30).<sup>3</sup>

Fishman também distingue os termos bilinguismo e diglossia da seguinte maneira:

O bilinguismo é essencialmente uma caracterização do comportamento linguístico individual, enquanto a diglossia é uma caracterização da organização linguística em nível sociocultural (FISHMAN, 1967, p. 34).<sup>4</sup>

A partir dessa diferenciação, Fishman categoriza as possíveis relações que podem ocorrer entre esses dois fenômenos no cotidiano de uma comunidade: a existência da diglossia e do bilinguismo em concomitância, ocorrendo quando a maioria da comunidade é proficiente nas línguas em questão, que entram numa relação diglótica; diglossia sem bilinguismo, onde há dois grupos sociais distintos, um deles contendo falantes apenas da variedade A e o outro apenas da variedade B; bilinguismo sem diglossia, ocorrendo quando uma parte expressiva da comunidade é bilíngue, mas as línguas não representam funções específicas no cotidiano; e nem diglossia nem bilinguismo, caracterizando a ausência dos dois fenômenos linguísticos.

De acordo com Fishman, portanto, a diglossia pode existir em comunidades linguísticas onde coexistem duas línguas, e não apenas duas variantes da mesma língua. Com isso, o autor se estende no que concerne ao possível caráter dinâmico do fenômeno. Sua contribuição permite que situações linguísticas como a da República do Senegal, onde a relação diglótica ocorre entre línguas diferentes, sejam estudadas e

<sup>3</sup> “that diglossia exists not only in multilingual societies which officially recognize several ‘languages’, and not only in societies that utilize vernacular and classical varieties], but, also, in societies which are multilingual in the sense that they employ separate dialects, registers of functionally differentiated language varieties of whatever kind”.

<sup>4</sup> Bilingualism is essentially a characterization of individual linguistic behaviour whereas diglossia is a characterization of linguistic organization at the sociocultural level.

compreendidas de maneira mais profunda.

Ainda que as contribuições de Ferguson (1959) e Fishman (1967) acerca do fenômeno ajudem a compreender a relação hierárquica entre duas línguas, isto ainda não nos permite perceber o papel dos fatores sociais no processo no qual a diglossia está envolvida. Para tal, Louis-Jean Calvet, com base nos pressupostos teóricos dos dois autores citados, observou que não necessariamente podem existir apenas duas línguas num contexto diglósico (podendo acontecer com duas ou mais línguas).

Calvet (1987), então, nomeia um novo conceito: as diglossias encadeadas, e o define como "diglossias inseridas umas nas outras"<sup>5</sup> (p. 47), isto é, mais de uma situação diglósica coexistentes num mesmo território. Com isso, nota-se que embora as definições de Ferguson e Fishman sejam fundamentais para a síntese do conceito, este continua sendo discutido e aprimorado. Houve um afastamento da visão estável e pouco conflituosa proposta por Ferguson para observar a diglossia como uma situação sociolinguística "em plena evolução" (Calvet, 1987).

Assim, a partir do que propõem os autores, um exemplo bastante ilustrativo são as situações sociolinguísticas encontradas na maioria dos países francófonos da África subsaariana (incluindo o Senegal) onde, por um lado, o francês, a língua oficial, domina as línguas locais africanas, e onde, por outro lado, uma língua veicular (nacional ou regional) domina as outras línguas locais.

No caso do Senegal, o cenário sociolinguístico é determinado pelas relações diglósicas, primeiro, entre o francês e o wolof, que é a língua nacional majoritária, sendo a língua materna de aproximadamente 40% dos senegaleses, em seguida, entre o wolof e as outras línguas nacionais, e também entre as línguas veiculares regionais e as línguas locais, ou seja, uma situação de diglossias encadeadas em mais de um nível. O francês, além de ser privilegiado pela constituição como língua oficial e a língua do ensino, também domina outras esferas sociais e administrativas do país, como a mídia e a justiça. Pensando na definição de Fishman (1967) do que seria uma diglossia sem bilinguismo, onde "um grupo fala apenas a língua alta enquanto outro grupo fala apenas a língua baixa", o Senegal não se encaixa completamente, pois praticamente todo senegalês ou senegalesa que sabe falar francês também domina uma ou mais línguas nacionais. Logo, existe uma situação de bilinguismo com diglossia entre o francês, o wolof e as demais línguas nacionais do país, sendo essas classificadas como as "variantes baixas" em

---

<sup>5</sup> des diglossies imbriquées les unes dans les autres (...)

decorrência de seu uso e função no cenário sociolinguístico do país em comparação com o francês (a “variante alta”).

## MERCADO LINGUÍSTICO

O conceito de Mercado Linguístico usado por Pierre Bourdieu (1983) também contribui para o entendimento da situação linguística do Senegal.

A expressão cunhada pelo autor surge da crítica aos estudos estruturalistas sobre a língua que marcaram a Linguística Moderna nas décadas de 60 e 70. Sob forte influência do que propôs Saussure (1916), os estruturalistas da época entendiam a língua como um conjunto de signos a serem decifrados e apenas isso, sem levar em consideração aspectos sociais e simbólicos que pudessem influenciar o ato da fala e a relação dos indivíduos para com as línguas.

Ao dizer que as linguagens não podem ser reduzidas ao ato da comunicação e produção de conhecimento, Bourdieu defende que essa lógica estruturalista não é suficiente para descrever a lógica prática da língua, que também é necessariamente atravessada por diversos fatores sociais. Segundo o autor, “o simples conhecimento do código não permite senão imperfeitamente dominar as interações linguísticas realmente efetuadas” (Bourdieu, 1983, p. 50-51 *apud* LIRÁUCIO, 2017, p. 3).

Para o autor, os signos da fala de fato precisam ser decifrados para que ela seja entendida como uma mensagem, mas é o que ele chama de mercado linguístico que atribui um valor simbólico e um sentido ao discurso, uma vez que a origem dos símbolos que dão esse sentido está no meio social onde os sujeitos estão inseridos, e não somente na língua em si mesma.

A partir desta observação crítica da anterior visão estruturalista, Bourdieu se utiliza, além das ciências sociais, de noções das ciências econômicas como mercado (linguístico), capital (econômico, social, simbólico e cultural) lucro e valor (simbólico) para desenvolver conceitos sobre a economia do simbólico. Essa nova maneira de enxergar as trocas linguísticas agora foca nas diversas influências sociais que estão intrínsecas ao ato da fala.

A partir dos conceitos acima citados ‘emprestados’ da economia, Bourdieu, em seu estudo *Economia das trocas simbólicas* (1996), passa a enxergar as situações de comunicação como um mercado simbólico, onde uma comunicação bem sucedida está diretamente relacionada à noção de capital e lucro. Sendo assim, através destas analogias, ele explica que o discurso não se basta à simples troca de signos em situações de comunicação, mas ao encontro das disposições sociais de cada indivíduo, que estão atreladas aos seus respectivos discursos. Todo discurso possui um valor que está



simbolicamente ligado às instituições sociais que o mantêm “avaliado” nesta posição. Por isso, o autor afirma que a partir do momento que existe uma situação de comunicação, existe necessariamente o mercado linguístico. O ato da fala também reflete relações de poder e autoridade que estão atreladas à posição social de quem o produziu. E para que as situações comunicativas tenham condições de sucesso, elas dependem de uma relação de poder desigual, situação que Bourdieu nomeia de poder simbólico. Nas palavras do autor,

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. [...] O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (Bourdieu, 1989, p. 14- 15)

Para exemplificar, podemos observar a situação do Senegal.

Em sociedades onde encontramos situações de diglossia, como é o caso do Senegal, os conceitos de mercado linguístico e poder simbólico ficam ainda mais evidentes e transparentes. Neste caso, o francês ocupa a posição de maior prestígio, sendo a única língua oficial do país, e as línguas nacionais, a posição de menor prestígio.

Aqui podemos fazer uma analogia entre a situação do Senegal com, por exemplo, uma bolsa de valores em que cada uma dessas línguas oferecem ações por um determinado valor. Nesse caso, o francês tem suas ações mais valorizadas quando comparadas às ações das línguas nacionais. Ao usar o francês, o indivíduo imediatamente mostra que ele pertence a um nicho social específico. Esse da classe alta, da escolarização e da elite, portanto o que antes era considerado uma ‘simples’ troca de signos que se bastava na língua em si, agora, na visão de Bourdieu, é um mecanismo que também o transfere a uma posição hierárquica superior nesse mercado.

É o conceito de poder simbólico se materializando: em situações comunicativas entre os que falam francês e os que falam somente alguma língua nacional, o discurso de maior prestígio ‘sai ganhando’ em detrimento desse de menor prestígio dentro do mercado linguístico.

## A ATITUDE LINGUÍSTICA

Dominique Lafontaine define a atitude linguística como "o modo como sujeitos avaliam línguas, variantes, variáveis linguísticas ou, mais frequentemente, locutores expressando-se em línguas ou variantes linguísticas particulares."<sup>6</sup> (1997, p.56). Refere-se, portanto, à forma como um sujeito se manifesta, se porta, estabelece uma relação linguística com uma determinada língua.

As atitudes linguísticas podem ser mais ou menos gerais: podem incidir sobre uma língua inteira, uma pronúncia ou um sotaque, sobre o uso de uma língua específica num dado domínio (por exemplo, na África francófona, o uso das línguas africanas na educação), no bilinguismo ou plurilinguismo, no seu próprio discurso e no falar de outrem. O objeto dessas atitudes é, então, de natureza linguística, mas isso não impede que possam ser de natureza social. Tendo em mente que as línguas estão inseridas em contextos social e culturalmente diversos, é possível afirmar, a partir da conceituação de Lafontaine, que as atitudes linguísticas estão diretamente ligadas também à identidade dos falantes. É lógico, portanto, pensar que a atitude linguística de um determinado falante se manifesta não somente em relação à língua, mas também aos próprios usuários dessa língua. Dessa forma, a depender da atitude assumida, ela pode ser considerada positiva ou negativa, sendo um aspecto determinante para que aconteça ou não uma troca linguística, ou que uma língua tenha mais prestígio em detrimento de outra, por exemplo.

Nesse sentido, o conceito de atitude linguística está intrinsecamente ligado ao de imaginário linguístico, definido por Cécile Canut como o "Conjunto das normas avaliativas subjetivas que caracterizam as representações dos sujeitos sobre as línguas e as práticas linguísticas, observável através dos discursos epilinguísticos. Ele engloba a relação pessoal que o sujeito estabelece com a língua".<sup>7</sup> (*apud* CALVET, 1999, p. 155).

---

<sup>6</sup> la manière dont des sujets évaluent soit des langues, des variétés ou des variables linguistiques soit, plus souvent, des locuteurs s'exprimant dans des langues ou variétés linguistiques particulières. (1997, p.56)

<sup>7</sup> Ensemble des normes évaluatives subjectives caractérisant les représentations des sujets sur les langues et les pratiques langagières, repérable à travers les discours épilinguistiques. Il rend compte du rapport personnel que le sujet entretient avec la langue.

## A POLÍTICA LINGUÍSTICA NO SENEGAL

A partir da definição do termo diglossia para Ferguson, Fishman e Calvet, podemos analisar o caso do Senegal.

Assim como nos outros países da África ocidental colonizados pelos franceses, quando o Senegal conquistou a independência, a língua francesa foi instaurada como língua oficial do país sob justificativa, por parte dos grandes líderes políticos, de que era a língua mais disponível e operacional na ocasião.

No entanto, havia outras razões para além da instrumentalidade da língua. O fato de o francês não pertencer a nenhum grupo étnico permitiria que a língua funcionasse como um unificador nacional, além de também facilitar as relações político-econômicas com a França e as recém independentes colônias francesas. Por outro lado, como a elite senegalesa foi formada inteiramente em francês, a escolha da língua como a oficial do país reforçaria o status de privilégio desse pequeno grupo, uma vez que, contrariamente, a maioria da população do Senegal não tinha a mesma proximidade com a língua do país colonizador.

Após a independência em 1960, o presidente Léopold Sédar Senghor, que também era linguista e poeta, foi o primeiro a se engajar nas questões linguísticas do país, pelo menos em teoria, mas falemos disto mais a frente. Seu discurso girava em torno da promoção da harmonia entre a língua francesa e as línguas nacionais, numa espécie de bilinguismo. Ele reconhecia as facilidades que giravam em torno da presença da língua francesa no país, mas concordava com a importância identitária da valorização das línguas africanas. Por isso, no fim dos anos 60, foi criado o Centro de Linguística da Universidade de Dakar. Um importante acontecimento para o cenário sociolinguístico do país, pois foi a partir dele que as seis principais línguas nacionais reconhecidas hoje na constituição foram transcritas, para que pudessem, enfim, ser consideradas possíveis línguas de alfabetização e instrução nas escolas – sobretudo o wolof.

Nessa época, toda a política linguística resumia-se ao Artigo 1º da Constituição de 2001 (revista em 2016), que fez do francês a língua oficial do país: "A língua oficial da República do Senegal é o francês. As línguas nacionais são Diola, Malinké, Pular, Sérère, Soninké, Wolof e qualquer outra língua nacional que possa ser codificada".<sup>8</sup>

Quanto às línguas nacionais, foi em 1971, no decreto nº 71560 de 21 de maio de

---

<sup>8</sup> La langue officielle de la République du Sénégal est le Français. Les langues nationales sont le Diola, le Malinké, le Pular, le Sérère, le Soninké, le Wolof et toute autre langue nationale qui sera codifiée.

1971, que foram efetivamente reconhecidas como línguas oficiais.

O relatório *Les langues de scolarisation dans l'enseignement fondamental en Afrique subsaharienne: le cas du Sénégal*, de Modou Ndiaye e Mamadou Diakite (2009) nos ajuda a entender que, na prática, o ensino das línguas nacionais só pôde ser efetivamente introduzido no sistema educacional em 1978, e, nesta ocasião, se limitou aos dois primeiros anos do ensino primário. Segundo os autores, em 1980 e 1981, o número de turmas bilíngues ainda era tímido: havia apenas cerca de quinze turmas, todas em wolof, com apenas uma exceção de turma experimental em sérère autorizada pelo Ministério da Educação, após perceberem o caráter explícito da proeminência acordada ao wolof.

Vale ressaltar que apenas alguns anos depois, no início da década de 90, foi implementada uma lei mencionando, ou ainda impondo, o ensino das línguas nacionais nas escolas. Com base nas propostas da Comissão Nacional de Reforma do Ensino e da Formação<sup>9</sup> (CNREF), o Artigo 6 da lei 91-22 (16 de fevereiro de 1991)<sup>10</sup> diz o seguinte:

- 1) A educação nacional deve ser senegalesa e africana: desenvolvendo o ensino das línguas nacionais, que são o melhor meio de dar aos alunos um contato vivo com sua cultura e enraizá-los em sua história, ela deve formar senegaleses conscientes de sua pertença e de sua identidade.
- 2) Ao proporcionar um conhecimento profundo da história e das culturas africanas, e ao destacar todas as suas riquezas e contribuições ao patrimônio universal, a educação nacional enfatiza a solidariedade do continente e cultiva um senso de unidade africana.
- 3) A educação nacional também reflete a pertença do Senegal à comunidade cultural dos países francófonos, ao mesmo tempo em que está aberta aos valores da civilização universal e em sintonia com as principais correntes do mundo contemporâneo, desenvolvendo assim o espírito de cooperação e paz com outros povos.<sup>11</sup>

Apesar de ter sido amplamente teorizado pelas autoridades senegalesas, através da constituição e de leis implementadas, ao longo das primeiras décadas de

<sup>9</sup> Commission Nationale de Réforme de l'Enseignement et de la Formation.

<sup>10</sup> SENEGAL (1991), Loi n° 91 – 22 du 30 janvier 1991 d'orientation de l'Éducation nationale.

<sup>11</sup> 1) L'éducation nationale est sénégalaise et africaine: développant l'enseignement des langues nationales, instruments privilégiés pour donner aux enseignants un contact vivant avec leur culture et les enraciner dans leur histoire, elle forme un Sénégalais conscient de son appartenance et de son identité.

2) Dispensant une connaissance approfondie de l'histoire et des cultures africaines, dont elle met en valeur toutes les richesses et tous les apports au patrimoine universel, l'Éducation nationale souligne les solidarités du continent et cultive le sens de l'unité africaine.

3) L'Éducation nationale reflète également l'appartenance du Sénégal à la communauté de culture des pays francophones, en même temps qu'elle est ouverte sur les valeurs de civilisation universelle et qu'elle inscrit dans les grands courants du monde contemporain, par là, elle développe l'esprit de coopération et de paix avec les hommes.

independência, o mais recente relatório feito pela Organização Internacional da Francofonia, *Rapport de l'OIF: La langue française dans le monde* (2022), mostra que a qualidade no ensino escolar no Senegal não se mostrou crescente ao longo desses anos. Neste mesmo documento, a OIF declarou que os desafios a serem enfrentados com relação à qualidade no ensino do francês no Senegal e em outros países da África subsaariana são mais urgentes do que nunca. O relatório declara que, com base nos estudos PASEC (2019)<sup>12</sup>, mais de 55% dos alunos do ensino primário não atingiram nem o nível “satisfatório” em língua francesa. E não é muito diferente com os alunos dos últimos anos escolares: o estudo também mostra que, desses, 52,1% está abaixo do nível “satisfatório” em língua, sobretudo em leitura.

Políticas linguísticas só funcionam quando aliadas a uma rede de ensino bem qualificada e comprometida com a qualidade do que é oferecido à sua população. Isso não é bem o que podemos confirmar sobre a situação do sistema educacional senegalês.

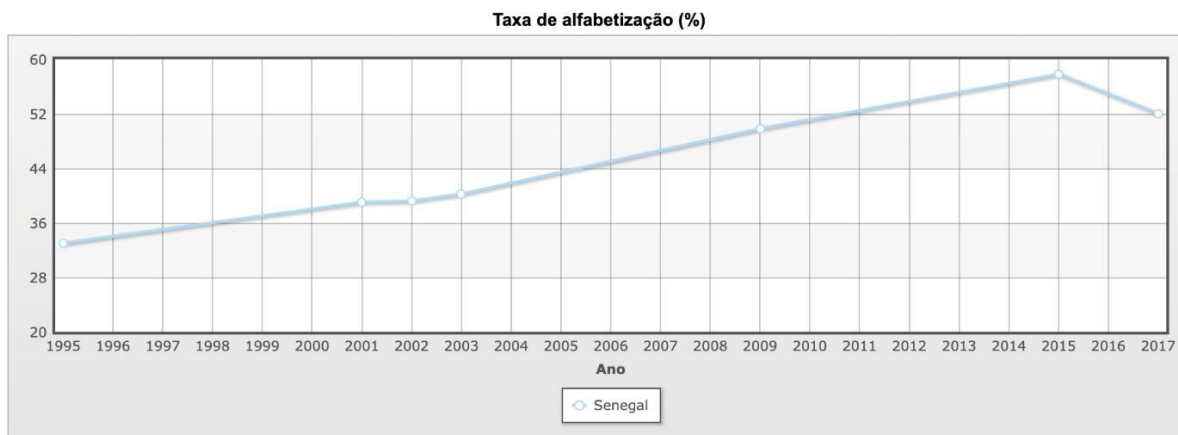
O mais recente Documento de Apresentação do Programa de Apoio para o Desenvolvimento da Educação no Senegal<sup>13</sup> (PADES, 2019-2023) demonstra que o analfabetismo permanece em 50% da população, dos quais dois terços são mulheres. Se olharmos para a população mais jovem, este número diminui, ainda que não chegue perto do que é considerado ideal: 38,9% entre jovens de 15 e 19 anos e 50,2% entre jovens de 20 e 24 anos. Em comparação com países vizinhos como o Mali e a Guiné<sup>14</sup>, o Senegal está um pouco acima nos números. O Mali tinha, em 2015, 33,1% de adultos alfabetizados e a Guiné pouco mais de 30%, o que evidencia uma lacuna de mais de 25% em comparação ao Senegal. (CIA World Factbook, 2020)

---

<sup>12</sup> PASEC2019. Qualité des systèmes éducatifs en Afrique subsaharienne francophone. Performances et environnement de l'enseignement-apprentissage au primaire.

<sup>13</sup> Document de programme PADES – République du Sénégal – Agence Française de Développement (2019-2023)

<sup>14</sup> Dados disponíveis em: <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=39&c=gv&l=pt> e <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=39&c=ml&l=pt>



Country	1995	2001	2002	2003	2009	2015	2017
Senegal	33,1	39,1	39,3	40,2	49,7	57,7	51,9

Gráfico 1 – Taxa de alfabetização no Senegal<sup>15</sup>

Apesar de permanecer insuficiente, vale observar que em 27 anos o nível de alfabetização aumentou em 17%, passando de 33,1% para a taxa atual de 50%. Isso equivale a um aumento de mais de 0,5% ao ano, o que nos mostra que as políticas linguísticas estabelecidas ao longo dos últimos anos não foram totalmente ineficazes a longo prazo. Espera-se que, com o aprimoramento dos projetos de qualificação do ensino de francês e das línguas nacionais para uma formação integral dos estudantes, esse nível de alfabetização, tanto de adultos, quanto dos mais jovens, só aumente em alguns anos.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=sg&v=39&l=pt>.

## A VISÃO DOS SENEGALESES FRENTE À SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DO PAÍS

Desde 2002, as línguas nacionais estão incorporadas ao currículo de alfabetização funcional, inclusive em escolas públicas. Ao longo dos últimos anos, nota-se que essas escolas têm tido uma notável evolução em francês e em outras disciplinas, e em casos pontuais, superando inclusive escolas que adotam o francês como a língua exclusiva de ensino. No entanto, as línguas nacionais são consideradas por muitos como “a língua da família”, uma língua que está longe de ocupar espaços formais, como a própria escola, fato este que é consequência direta de toda política linguística estabelecida desde a independência, que nunca colocou em questão o caráter hegemônico da língua francesa no país. Nota-se, aqui, então, um claro exemplo de atitude linguística. Como vimos anteriormente, Dominique Lafontaine define a atitude linguística como "o modo como indivíduos avaliam línguas, variantes, variáveis linguísticas ou, mais frequentemente, locutores expressando-se em línguas ou variantes linguísticas particulares." (1997, p.56). Refere-se, portanto, à forma como um sujeito se manifesta, se porta, estabelece uma relação linguística com uma determinada língua.

É frequente perceber atitudes negativas relacionadas às línguas nacionais, ainda mais direcionadas àquelas não codificadas, isto é, sem uma convenção de escrita estabelecida. Por isso, essas atitudes representam um grande problema na promoção dessas línguas, especialmente no sistema escolar: é comum que os pais se recusem a mandar seus filhos à escola se a língua principal e majoritária em todos estágios escolares da instituição não for o francês. Esse exemplo de atitude linguística nos ajuda a reforçar a ideia de que a situação diglósica no Senegal está intrinsecamente ligada ao imaginário da população. O conceito de imaginário linguístico é definido por Cécile Canut da seguinte forma:

Conjunto das normas avaliativas subjetivas que caracterizam as representações dos sujeitos sobre as línguas e as práticas linguísticas, observável através dos discursos epilinguísticos. Ele engloba a relação pessoal que o sujeito estabelece com a língua". (*apud* CALVET, 1999, p. 155).

Se o que define a Diglossia, segundo Ferguson (1972 [1959]) e Fishman (1967), é a relação linguística entre duas variedades onde uma delas está sobreposta, considerada gramaticalmente mais complexa e altamente divergente, adotada em instâncias essenciais

como a educação e administração, mas que não é utilizada em conversas do dia a dia por nenhum segmento da comunidade enquanto a outra ou as outras sim, temos com o caso do Senegal um claro exemplo que demonstra como as funções linguísticas de cada variedade estão estabelecidas: o francês, que está nessa posição de prestígio linguístico também por ser a língua do colonizador e “internacional”, sendo usado em ambientes oficiais e nas escolas, e as línguas nacionais limitadas à esfera do informal, familiar, não-oficial. Como não esperar uma atitude negativa frente às línguas nacionais quando se é exposto a uma situação linguística como essa?

Apesar das atitudes negativas, percebe-se também que a discussão linguística está muito presente no Senegal, a ponto de haver canais no YouTube que discutem as atitudes linguísticas dos senegaleses em relação ao francês e às línguas nacionais através de entrevistas nas ruas do país. Os vídeos mostram que a questão não é pacífica e evidenciam o caráter conflituoso das relações linguísticas.

Há grupos que defendem a valorização das línguas nacionais e lutam por isso, mas que também entendem a importância do ensino do francês nas escolas. No vídeo *NOMADE - Au Sénégal, le français bien moins parlé que le wolof*<sup>16</sup>, publicado no canal Plus TFO no Youtube, o apresentador entrevista dois estudantes de 17 anos. Ambos reforçam a importância do francês como ferramenta de estudo e crescimento profissional, visto como um fator importante para alcançar objetivos e realizar sonhos fora do Senegal. Eles veem a língua francesa como uma ponte entre eles e o mundo. Uma passagem no vídeo confirma isso: a estudante senegalesa diz que se não tivesse aprendido o francês não poderia estar dando aquela entrevista.

Ainda no mesmo vídeo mencionado anteriormente, o apresentador entrevista o locutor da Rádio *Teranga*, localizada na cidade de *Saint Louis*. Baye Diagne conta que, na rádio, decidiram “largar” o francês aos poucos porque, para eles, não faz sentido se comunicar em francês quando a realidade é de “80% de falantes que dominam apenas o wolof”. Ele também frisa que foi deixado para o francês um espaço muito grande na sociedade senegalesa: “O wolof é a língua mais falada, mas é uma pena nos terem imposto o francês como única língua oficial do Senegal. A maioria da população do Senegal não fala francês, ou então nem sequer entende o francês”. Ele justifica sua escolha pela adoção do wolof em suas transmissões afirmando que “o homem da imprensa visa a maioria da

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q1jDpFUxyEQ&t=295s>.



população” e que perceberam que para captar um maior número de ouvintes a solução seria falar a língua local, o wolof.

Essas duas passagens do vídeo evidenciam a complexidade da discussão linguística no país. De um lado, um grupo vê o francês como uma ferramenta; de outro, como um empecilho. A principal questão aqui é, sobretudo, entender que ambas atitudes têm desdobramentos que, de certa forma, se cruzam em alguns aspectos: a origem do problema é a mesma e nos leva, mais uma vez, a questionar as políticas linguísticas estabelecidas ao longo de mais de 60 anos, que se mostraram majoritariamente ineficazes tanto para a formação educacional em francês, quanto nas línguas nacionais.

## A SITUAÇÃO ATUAL DO FRANCÊS E DAS LÍNGUAS NACIONAIS NO SENEGAL

Desde 1960, o francês é a língua oficial do país, portanto, a língua oficial da escola, mas ela é falada com domínio apenas por 34% da população segundo relatório *La langue française dans le monde* (2022), já mencionado nos tópicos anteriores. E isso se explica, a princípio, por três principais fatores: a falta de professores realmente qualificados nas instituições, pela evasão escolar precoce sobretudo nas zonas rurais, e por uma pedagogia que não condiz com a realidade escolar, como também cultural dos alunos: isto é, uma pedagogia que visa a alfabetizar crianças numa língua com a qual elas raramente têm contato e oportunidade de prática na vida cotidiana.

Nesse sentido, as línguas nacionais aparentam ser até o momento uma ferramenta pedagógica suplementar destinada a melhorar o ensino do francês. Introduzindo as línguas nacionais nos anos iniciais dos alunos, é esperado que, através da alfabetização em língua materna, os estudantes passem a ter menos dificuldade com a aquisição do francês. Isso apenas evidencia que, ao longo da história, o engajamento com a educação bilíngue ou plurilíngue introduzida por Senghor nos primeiros anos de independência não passava de pontapé inicial para impulsionar a aprendizagem de francês em primeiro lugar, e não a valorização da identidade linguística e cultural nacional.

A partir de tais fatos observados, a perspectiva de introduzir uma ou mais línguas nacionais como línguas de instrução escolar, ao longo de todo o ensino escolar do Senegal, parece bastante remota. Deve-se admitir que, até agora, os resultados das tentativas de implementação do ensino das línguas ainda são escassos, mesmo que tenham sido feitos progressos consideráveis ao longo dos últimos vinte anos.

Atualmente, o sistema educacional do país funciona em três principais etapas: alfabetização em língua materna, o ensino do wolof como segunda língua, e, posteriormente, o ensino do francês. Nas escolas públicas, o ensino da língua oficial começa aos seis anos e nas escolas privadas por volta dos três anos de idade, e continua sendo a principal língua da educação até o fim do ensino básico escolar. Há ainda a possibilidade de escolha de uma língua estrangeira, dentre as opções: o inglês, o árabe, o alemão ou o espanhol.

Uma simples observação dos fatos mostra que o governo senegalês não tem a intenção de colocar abertamente em questão o *status* privilegiado da língua francesa, o que provavelmente serve a interesses próprios. Houve essa movimentação em direção à

educação trilingue demonstrada no parágrafo precedente, que consistia primeiro em ensinar as crianças a ler e escrever em sua língua materna, depois ensinar-lhes o wolof, que continua sendo a língua nacional com maior número de falantes ativos, antes de mudar para o francês para o resto de seus estudos, mas os resultados foram ínfimos.

Como evidenciam documentos oficiais do Ministério da Educação do Senegal, as autoridades políticas nunca pararam com as tentativas de introduzir o ensino das línguas nacionais nas escolas. Em 2016, no seminário *Améliorer les premiers apprentissages en Afrique*<sup>17</sup>, que aconteceu em Dakar, Serigne MBAYE THIAM, ministro da Educação Nacional do Senegal na época, declarou algumas condições como primordiais para o sucesso de uma política de promoção das línguas nacionais nas escolas, dentre elas: 1) a vigência de uma política linguística nacional que defina de forma clara e objetiva o status das línguas nacionais e as condições para o uso dessas, bem como nas esferas política, administrativa, econômica e cultural, 2) a adesão dos pais dos alunos e de toda a comunidade a essa política que engloba as línguas nacionais, 3) a designação de professores com formação compatível e que lhes permitam ensinar essas línguas, 4) equipamentos e material didático suficientes para uso de todos os estudantes nas escolas e 5) a promoção de uma abordagem didática plurilingue de forma que o uso das línguas em sala se complementem, permitindo, assim, o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos estudantes. Esse mesmo documento também destaca que a UNESCO recomenda fortemente que as políticas e práticas linguísticas adotadas nos países africanos favoreçam o plurilinguismo baseado, sobretudo, nas línguas maternas e que integrem essas línguas ao sistema educacional.

---

<sup>17</sup> Relatório de síntese do seminário disponível em: [https://elan-afrique.org/sites/default/files/fichiers\\_attaches/dakar\\_synthese\\_a4\\_web.pdf](https://elan-afrique.org/sites/default/files/fichiers_attaches/dakar_synthese_a4_web.pdf)

## CONCLUSÃO

A partir dos conceitos e dados expostos nesse trabalho, podemos perceber o caráter complexo da situação sociolinguística do Senegal. Apesar de o francês ter sido adotado como língua oficial sob justificativa da facilidade operacional, ele não contempla a realidade vivenciada pelos 16 milhões de senegaleses. Vale admitir que a criação do Centro de Linguística da Universidade de Dakar foi um grandíssimo avanço para a discussão do status das línguas nacionais, afinal, foi a partir dessa iniciativa que as seis principais línguas do país foram documentadas, transcritas, para serem finalmente reconhecidas no Artigo 1º da constituição como línguas nacionais. Mas isso foi apenas o primeiro passo e não garantiu que elas fossem integradas com notório aproveitamento no sistema educacional senegalês.

É evidente que o francês continuará sendo a única língua oficial do país durante um bom tempo, já que, apesar das crescentes reivindicações públicas ao ensino multilíngue, não há interesse por parte das autoridades de tornar uma língua nacional como oficial do país. Isso demandaria esforços não só políticos de reformular as políticas públicas, educacionais e linguísticas do país, mas também financeiros, uma vez que, sendo língua oficial também se tornaria língua obrigatória em todas as escolas. A falta de material didático adequado dessas línguas nacionais também é um problema latente.

Até aqui, são muitos questionamentos para poucas respostas. De fato, caso exista o real interesse em desenvolver estabilidade e aprimorar o ensino tanto das línguas nacionais quanto do francês no sistema educacional, será necessário mais firmeza e responsabilidade nas implementações das políticas linguísticas do país.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A Economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Editora da USP, 1996.

CALVET, J-L. **La guerre des langues et les politiques linguistiques**. Paris: Payot, 1987.  
 \_\_\_\_\_. Pour une écologie des langues du monde. Paris: Plon, 1999.

ELAN AFRIQUE. **Améliorer les premiers apprentissages em Afrique: un défi pour la francophonie**. Disponível em: [https://elan-afrique.org/sites/default/files/fichiers\\_attaches/dakar\\_synthese\\_a4\\_web.pdf](https://elan-afrique.org/sites/default/files/fichiers_attaches/dakar_synthese_a4_web.pdf). Acesso em: janeiro de 2022.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: GIGLIOLI, P. P. (Org.). **Language and social context: Selected readings**. Baltimore: Penguin, 1972 (1959). p. 232-251.

FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. In: **Journal of Social Issues**, v. 23, n. 2, p. 29-38, 1967.

INDEX MUNDI. **Taxa de alfabetização**. Senegal. 2020. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=sg&v=39&l=pt> . Acesso em: janeiro de 2021.

LAFONTAINE, Dominique. **Attitudes linguistiques**. In: MOREAU, Marie-Louise. Sociolinguistique, concepts de base. Sprimont: Mardaga, 1997, p. 56-60.

LINHARES, M. A. & DE ALENCAR, C. N.. **Repensando o conceito de diglossia à luz de Michel de Certeau**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 492-518, 2016 .

LIRÁUCIO, G. Jr. **Pierre Bourdieu: mercados linguísticos e poder simbólico**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 24, núm. 3, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

NDIAYE M. ; DIAKITE M. **Les langues de scolarisation dans l'enseignement fondamental en Afrique Subsaharienne francophone** (LASCOLAF, LE CAS DU SÉNÉGAL). AFD: Agence Française de Développement, France, 2009.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE LA FRANCOPHONIE (OIF). **La langue française dans le monde (2022)**. Disponível em: [https://www.francophonie.org/sites/default/files/2022-03/Synthese\\_La\\_langue\\_francaise\\_dans\\_le\\_monde\\_2022.pdf](https://www.francophonie.org/sites/default/files/2022-03/Synthese_La_langue_francaise_dans_le_monde_2022.pdf). Acesso em: janeiro de 2022.

PASEC 2019. **Qualité des systèmes éducatifs en Afrique subsaharienne francophone. Performances et environnement de l'enseignement-apprentissage au primaire.** Disponível em: [http://www.pasec.confemen.org/wp-content/uploads/2021/01/RapportPasec2019\\_sitePasec.pdf](http://www.pasec.confemen.org/wp-content/uploads/2021/01/RapportPasec2019_sitePasec.pdf) . Acesso em: janeiro de 2022.

PLUS TFO. **NOMADE – Au Sénégal, le français bien moins parle que le wolof.** YouTube, 20/01/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q1jDpFUxyEQ&t=295s> . Acesso em: fevereiro de 2021.

SENEGAL. **Constitution du Sénégal.** Disponible sur: <https://www.ilo.org/dyn/natlex/docs/ELECTRONIC/59426/111008/F1002378662/SEN-59426.pdf>. Acesso em: novembro de 2020.

SENEGAL (1971), **Décret n°71-566 du 21 Mai 1971 relatif à la transcription des langues nationales.**

SENEGAL. **DOCUMENT DE PRESENTATION DU PROGRAMME D'APPUI AU DEVELOPPEMENT DE L'EDUCATION AU SENEGAL - PADES (2019-2023).** Disponível em: [https://www.education.sn/sites/default/files/2020-01/document%20de%20programme%20PADES%20S%C3%A9n%C3%A9gal-AFD-PME\\_QAR2-dec18%20%281%29.pdf](https://www.education.sn/sites/default/files/2020-01/document%20de%20programme%20PADES%20S%C3%A9n%C3%A9gal-AFD-PME_QAR2-dec18%20%281%29.pdf). Acesso em: janeiro de 2022.

SENEGAL (1991), **Loi n° 91 – 22 du 30 janvier 1991 d'orientation de l'éducation nationale.**